Oferta de
Jorge A. Osório

PORTO ACADEMICO
ORGÃO DA
ASSOCIAÇÃO ACADEMICA DO PORTO
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Exmo Snr.
Agostinho Pinto Leite da Silva
Av. da República, 785
Gaia

Porto Academico

·ORGÃO·DA·ASSOCIAÇÃO·ACADEMICA·DO·PORTO·

— ANO VI — NUMERO 1 — III SÉRIE —
PORTO, 13 DE DEZEMBRO DE 1927
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua de S. Bento da Vitória, 10-1.º — Pôrto

Director: — JOAQUIM MOREIRA
Sec. da Red.: — JOSÉ COSTA
Editor: — CARLOS HENRIQUES
Administrador: — RAUL GONÇALVES

PREÇO DE CADA NUMERO: 40 CENT
SERIE DE 4 N.os: 1 ESC. E 50 CENT
— Composto e impresso na Empreza Diario do Porto, L.da —
Rua de S. Bento da Vitória, 10 — Pôrto

CARTA ABERTA AO SR. PRESIDENTE DA A. A. DO PORTO

Sr. Presidente da Associação Académica do Pôrto:

Há várias maneiras de cumprir o dever que manda servir a colectividade.

No nosso caso—o caso da A. A. P.—servem-na uns, como eu já fiz em tempos e hoje se dispôs v. a fazê-lo, emprestando-lhe a sua actividade em busca da verdadeira finalidade das associações académicas, aqui ainda longe de estar atingida, actividade impulsionada pela mesma fé que a creou em 1911. Outros, impossibilitados de lhe dispensar essa actividade, mercê de circunstâncias variadas, nem por isso teem menos desejo do seu triunfo e, ao menos, amparam-na com a sua atenção carinhosa olhando e auxiliando os *activos* com lealdade e esperançosa espectativa. Eu podia citar vários outros modos de servir a Associação, inclusivè o do *riso* porque ou nos mostra um ridículo que é sempre bom prevenir e nêste caso é muito proveitoso, ou é riso inexpressivo, sem significado merecedor de crédito e, portanto, inofensivo, que deve deixar-se expandir, pois o riso represado mais riso traz.

Ficarei por aqui e permita v. que me coloque no grupo de aquêles que já serviram a Associação como puderam e souberam e hoje estão impossibilitados de o fazer.

De há anos, Snr. Presidente, que tenho seguido de perto a vida da Associação a cujos destinos v. preside.

Esta atenção fez acumular e orientar no meu espírito uma série de sugestões que hoje me dispús a comunicar-lhe, na esperança de que alguma coisa terão de útil.

Eu não tenho a pretensão, devo prevenir desde já, de querer uma associação modêlo vinda aos trambulhões dos bolsos de algum amigo filantropo. Como não cultivo êste sebastianismo e sei que a nossa Associação será o que a nossa vontade e o nosso esfôrço conseguirem, eu quero trazer-lhe a minha opinião sôbre a orientação a seguir, para, num futuro mais ou menos próximo, conseguirmos a realização dos nossos desejos contando *só comnosco*.

Contando só comnosco, digo eu, porque é bom habituarmo-nos a deixar de vêr nos governos a solução de tôdas as nossas dificuldades e também já é tempo de perdermos as esperanças nas promessas nem sempre, concordemos, fáceis de cumprir, mesmo que disso haja vontade.

No decorrer da exposição que vai seguir-se, eu lembrarei várias iniciativas, todas realizáveis ou pelo menos dignas de serem tentadas. Referir-me-hei por vezes ás outras já em realização, para assim completar os meus raciocínios.

E' possível que v., senhor Presidente, já tenha pensado tudo isto e muito mais. Por isso mesmo eu hesitei em o vir dizer. Mas releve a impertinência lembrando-se de que eu, como certamente toda a gente, só sei que na Associação vai «movimentar a Academia, nem que seja necessário *lançar mão do escândalo*». E eu não posso esquecer que todo o movimento sem fôrças que garantam um equilíbrio pode ser uma queda fatal, e o barulho do escândalo pode muito bem lembrar o ranger duma árvore morta, quando o vigôr da ventania faz tremer os seus ramos resequidos, ou o estertôr macabro da respiração dispneica do moribundo.

Senhor Presidente:

Eu divido o assunto que venho tratar em três partes, a saber: 1.ª) *Associação*, 2.ª) *educação* e 3.ª) *extensão*.

São êstes os três pontos que a direcção duma associação académica nunca deve esquecer.

E' pela vida associativa, facultando a confraternização e o conhecimento mútuo, que nascerão o interêsse e a dedicação pelas questões académicas. Se queremos uma Academia movimentada e engrandecida, emprestemos vida e engrandeçamos a nossa Associação. Só então tudo o mais terá um valôr real e definitivo.

Mas para isso é preciso **Casa** e para a casa é preciso dinheiro, dirão muitos, e a nossa Associação (a associação de alguns milhares de estudantes!) conta três ou quatro centenas de sócios dos quais a maior parte não paga.

E vai de clamar pelo Sr. Ministro da Instrução porque as Associações académicas teem um grande valôr educativo e, tal qual se encontra, a do Porto é inutil e até prejudicial por anti-higiénica...

Sua Ex.ª reconhece tudo isso e mais alguma coisa, e... promete. Depois, nós ficamos á espera com a tranquilidade de quem fez o que tinha a fazer.

Ora, senhor Presidente, o remédio está em nós próprios. Se muitos estudantes não são sócios da Associação e muitos dos que o são não pagam, não é porque nêles se môva qualquer animosidade; é, muito simplesmente, porque se esquecem da sua existência e não sentem as suas vantagens com a mesma latitude com que sentem a mesada que suas famílias lhes enviam no dia um de cada mês.

Mas, mesmo que assim não fôsse, desde que o Ex.mo Sr. Ministro da Instrução reconhece ás associações académicas o seu verdadeiro valor na educação do estudante, e com êle estão muitos dos nossos Ex.mos professores, (*) daqueles que vêem no aluno mais do que um pretexto para vomitar lições e receber honorários, nós, os que por estas coisas nos interessamos, devemos pedir que obriguem *todo* o estudante a ser sócio da sua associação para que amanhã seja um cidadão prestimoso, com o mesmo direito com que o obrigam a exames, por vezes bem pouco agradáveis, para que venha a ser um profissional conscencioso da sua competência.

Vai ha perto de dois anos, pertencendo eu à direcção da A. A. P., que lembrei a **oficialização** da Associação Académica. Tive o gôsto de ver a minha sugestão muito bem aceite pela direcção de que fazia parte e ainda pela direcção sua sucedânia. Hoje, que já me parece esquecida, eu recordo-a e faço votos para que à actual direcção caibam as honras da sua realização.

Deixarei para outra oportunidade detalhes que neste apanhado geral seriam fastidiosos, e quero salientar mais uma vez que só pela oficialização da A. A. P., teremos casa e verdadeira vida académica no Porto.

Uma vez instituida a Associação como fulcro de toda a actividade académica, não haverá mais que fomentar a creação do chamado *espírito académico* que é a manifestação duma vida de alegre fraternidade, onde as ideias nascem e florescem.

Para tal, competia á direcção da A. A. P. promover e auxiliar todas as manifestações que de algum modo unissem as nossas capas num mesmo sentimento de inteligência, ou alegria, ou dôr. A identidade na expressão dos nossos sentimentos, traria a união dos nossos corações. Devia, por exemplo, promover ou auxiliar a realização de «*festas académicas*»; promover *homenagens aos sacrificados pela Academia*—e neste momento, senhor Presidente, eu ajoelho sob o pêso da saudade e gratidão deante do cadaver de Modesto Osório, credôr ainda duma homenagem condigna;—enfim, tudo o mais que agora não é momento de enumerar e que de algum modo fizesse lembrar a Associação e incitar as dedicações.

E assim como um cérebro é um orgão cujas funções biológicas se não limitam a uma série de reacções iniciadas e terminadas dentro das suas parêdes, mas, bem ao contrário, é um orgão cujo labôr misterioso dos seus neuróneos tem consumado a superioridade da espécie pela fulgurante irradiação da ideia, a nossa Associação, a associação dos estudantes universitários, não pode limitar-se a ser um botequim com mais ou menos luzes, com mais ou menos estofos. Terá que ser, como v. bem compreende e sabe, um laboratório de excitação das nossas faculdades e sua *coordenação*.

Esta coordenação das nossas faculdades para delas tirarmos o melhor proveito, eis o segundo capitulo desta carta, ou seja **educação**.

Educação, bem entendido, nos diversos aspectos—físico, intelectual, artístico, etc.

Quasi tudo o que venho dizer se tem feito, dirá v. Mas, senhor presidente, tem-se feito sem orientação e, portanto, sem proveito.

No campo da educação física, por exemplo, com a obtenção de mais ou menos medalhas, tem havido foot-ball, tenis, tiro aos pombos, etc., tudo á custa de dedicação e mil esforços que de forma alguma eu quero diminuir. Mas somos forçados a concordar que propriamente *educação fisica*, não houve ainda. Impõe-se, portanto, a organização dum grupo desportivo, com uma independência de acção semelhante á do Orfeon e que se proponha fazer propaganda no meio académico de principios de higiene física, ginástica, desportos, etc., realizados segundo orientação scientifica. Só assim se terá prestado um bom serviço á Academia e lançado bom exemplo a quási todos os nossos clubs desportivos.

No que respeita a educação intelectual e artistica há a biblioteca, pode dizer-se fundada há quatro anos por José Luís Belchior, que foi duma dedicação rara e muito bem continuado pelos bibliotecários seus sucessores, e que é a demonstração de quanto pode a vontade persistente.

(*Continua na 2.ª pagina*)

O :PORTO ACADEMICO: PUBLICA OS ARTIGOS, SIMPLES COMENTARIOS OU NOTAS DE INFORMAÇÃO, QUE EXPONTANEAMENTE NOS SEJAM ENVIADOS POR ESTUDANTES E QUE CAIBAM EM QUALQUER DAS RUBRICAS:

CULTURA
INFORMAÇÃO ACADEMICA
POLITICA ACADEMICA
INTERCAMBIO ACADEMICO

Carta aberta ao sr. Presidente da Associação Academica do Porto

(*Continuado da 1.ª pagina*)

Teem-se realizado conferencias e v. sabe com que brilho. Há um jornal o «Porto Académico», vivendo ás vezes em dificuldades que só a sua direcção e administração podem avaliar.

E alem disto há o Orfeon e a Tuna. E' tudo. Já não é pouco, embora lhe possamos juntar a organização de **cursos**, sôbre história, arte, literatura ou quaisquer outros assuntos; **visitas** a museus e monumentos, etc. O que há, repito, já não é pouco desde que seja o que deve ser. As conferências nunca haviam de ser realizadas a êsmo. Deviam-se organizar em séries estudando assim vários problemas que não podem ser abrangidos numa palestra de duas horas e, se fôsse possível, deveriam depois ser publicadas em volume. O Orfeon e a Tuna, agora em grande actividade que só faz merecer louvôres aos seus dirigentes, pode ser, para a direcção da A. A. P. realizar um programa, um grande auxiliar. E se a direcção não souber aproveitar êste movimento (sem escândalo, senhor Presidente) o Orfeon morrerá no fim de algumas excursões. Estou em crer, porém, que a direcção a que v. preside muito dignamente saberá firmar o êxito a que se destina o Orfeon, de modo a que na nossa Academia haja mais interêsse—Orfeon, e menos interêsse—excursão.

E por último, senhor presidente, era necessário que a Academia reconhecesse o seu logar no meio social e, uma vez integrada naquele esfôrço educativo, comunicar-se com o exterior por meio de publicações, conferências, espectáculos publicos, etc., pondo nestas suas exteriorizações o máximo de sentido nacional. Então tinha-se integrado no capitulo da *extensão universitária*.

A falta de espaço e a discreção fizeram com que me furtasse por vezes a considerações e esplanações que deixarei para outra oportunidade.

Aceite, senhor presidente, as minhas leais

Saudações Académicas

José N. C. Vilaça.

Dez. 1927.

(*) Em reunião de 6 de Abril do corrente ano o Sen. Univ. aprovou por unanimidade e com referências especiais do Ex.mo Sr. Reitôr e vários outros Ex.mos Srs. Professores, a seguinte proposta:

Proposta: considerando que pelo § 5.º, art. 9.º do Estatuto Universitário, cumpre a êste Senado velar pela educação fisica, intelectual e artistica dos estudantes;

considerando que a A. A. P., á custa do zêlo, dedicação e carinho de poucos, tem, nêsse sentido, dispendido um esfôrço a todos os titulos louvavel, promovendo conferências, homenagens, festas desportivas, etc., esfôrço que não deve passar despercebido ao Senado Universitário;

considerando que pelas suas exíquas instalações e precária situação financeira, a Associação Académica não pode reunir em torno de si os estudantes da nossa Universidade, base de toda a acção proveitosa, como compreendeu S. Ex.ª o Ministro da Instrução Pública por ocasião duma visita ultimamente feita á séde da A. A. P.;

considerando ainda que foi, há dias, enviada uma representação ao Ministério da Instrução Pública tendente a resolver tão momentoso assunto;

Proponho: 1.º) Que na acta fique exarado um voto de louvôr á A. A. P.

2.º) que se oficie ao Ex.mo Sr. Ministro da Instrução reforçando o pedido da A. A. P. para a obtenção de novas e condignas instalações.

3.º) que estas resoluções sejam comunicadas á direcção da A. A. P.

(a) *José N. C. Vilaça.*

A CULTURA POLITICA E OS ESTUDANTES

Os estudantes principiaram a interessar-se pela politica. E' um facto que nos regosija. Se, como dizia Aristóteles, o homem é um animal politico, o alheamento duma classe culta por assuntos de tal magnitude revelava uma grande decadência.

Já não falamos da decadência mental, que o era de facto, pois é inadmissivel uma cultura isolada, sem relação com a actividade humana... Referimo-nos sobretudo à decadência moral. Viver numa época agitada de crise sem exteriorisar o que se pensa e o que se sente é o estado mais doloroso que pode mos verificar num individuo ou numa colectividade. Ser capaz de sentir, de vibrar, de responder ás excitações do ambiente, é a primeira forma da vida. E existindo agora essa sensibilidade animadora no meio académico, e graças à propaganda de meia duzia, o que é necessário é trabalhar para que uns e outros, gregos e troianos, defendam as suas idêas com a maior inteligencia.

Se, como portuguêses e homens, queremos que permaneça a capacidade moral de nos interessarmos pelos problemas colectivos, como estudantes desejamos vivamente que se imprima à vida politica da academia uma séria fisionomia de intelectualidade.

Achamos bem, repetimos, que os académicos se preocupem com a Politica, porque isso revela apenas que há vida.

Mas é preciso mais. O essencial é que os estudantes procurem ser, não apenas simples partidários duma ou outra idêa mas que o sejam, que o procurem ser, *inteligentemente*. Eis porque eu queria que, a par duma acção politica, se desenvolvesse uma intensa propaganda cultural, que todos *olhassem individualmente* para as bases de todas as correntes de opinião. E á Associação Académica, porque é neutra em materia politica e religiosa, é que cabe tal iniciativa.

Sem pender para nenhum campo, ela poderia fazê-lo promovendo com frequência e método uma série de conferências. Para isso seriam convidadas as principais figuras do país. No fim duma acção desta natureza, depois de expostas as grandes questões de Filosofia, Sciência, Historia, Economia e Arte, parece-nos que todos lucravamos com isso. O interesse pela politica não diminuia, mas até, creio-o firmente, seria intensificado. E, como êsse interesse aumentava por causa dessa propaganda cultural, contribuiamos para a conservação da solidariedade academica.

E' que, desde que transformassemos a politica dum desencadear de sentimentos num puro e intelectual batalhar de idêas, limavamos arestas escusadas, creavamos um respeito mutuo em todas as correntes...

Com esta acção conseguiamos ainda demonstrar que os rapazes de hoje sabem que a vida da sociedade não é a vida das escolas e que, por essa razão procuram servi-la trabalhando por uma mais alta compreensão das suas idêas, dando assim ás suas lutas, como é justo, não um caracter emotivo mas um superior aspecto intelectual.

A nossa Associação trabalhava pela harmonia escolar, pois sem cair em politica, só lhe interessando, permitam-me a expressão, a Politica — apolitica, ela agia no campo comum dos vários partidos: a *cultura*.

Ora não será a cultura, a dignificação do nosso espirito, o que de melhor pode existir na politica académica?

Horácio Cunha.

MODAS E CONFECÇÕES

CASA VALENTE

Rua 31 de Janeiro

PORTO

ECOS

EM ZIG-ZAG

A ORIENTAÇÃO do *Pôrto Académico* não implica, preconcebidamente, nenhuma atitude de hostilidade ou simples irreverência perante os nossos professores.

Muito pelo contrário, será sempre com a mais viva satisfação, com o mais íntimo prazer, que aqui se irá prestando homenagem àqueles que a mereçam. Mas também não pode êste jornal, por muito que isso nos contrarie, deixar de criticar desassombradamente aquilo que nos mereça reprovação.

◇ ◇ ◇

ESTE numero do *Pôrto Académico* é enviado a todos os sócios da Associação Académica do Porto. Confiamos em que nenhum deles nos recusará a sua assinatura.

◇ ◇ ◇

NA abertura solene das aulas no Instituto Superior de Comércio desta cidade, teve ensejo o seu director de se referir às cordeais relações que ligam numa quasi que *camaradagem* (á falta de termo mais apropriado) alunos e professores daquele estabelecimento de ensino.

Naturalmente acontece assim por se tratar duma escola de fundação recente, onde mais facilmente foi possível introduzir o espírito moderno.

Já o mesmo se não poderia dizer, com rigorosa exactidão, àcerca de certas faculdades da nossa Universidade onde, a par de alguns mestres com quem os alunos felizmente se entendem, alguns há, embora poucos, que continuam as velhas tradições dum espírito de autoritarismo catedrático que, em um ou outro caso, chega a fazer do mestre uma *fera* inabordavel...

◇ ◇ ◇

NA mesma sessão solene, teve ainda o referido orador ocasião de chamar a atenção dos presentes para êste facto absolutamente constatado: achando-se o Instituto Superior de Comércio luxuosamente instalado num belo palacete, não se nota um único traço nas paredes nem qualquer outra manifestação do espírito *comentador* e *ilustrador* do bom portuguesinho.

Pois nós demo-nos ao trabalho de constatar mais alguma coisa que aqui vamos registar: não se encontram pelas paredes daquele edifício nada que se pareça com os famosos *quadrositos* da faculdade de sciências, a que fizemos referência no nosso último número, e que denotam bem o conceito que nesta faculdade se chega a fazer do aluno dum curso superior.

◇ ◇ ◇

AO iniciar a sua III série, o *Pôrto Académico* volta a encontrar-se com a *Mocidade*, agora o jornal académico de melhor apresentação gráfica e um dos mais distintamente colaborados.

Agradecendo ao nosso colega as palavras amigas com que anunciou o nosso reaparecimento, fazemos votos por que êle supra as deficiências que a nossa direcção não souber evitar ao P. A., de modo a conseguir-se que da acção dêste jornal conjugada com a da *Mocidade*—cada qual dentro da sua índole—alguma coisa de útil resulte para a Academia, que um e outro pretendem servir.

E C O S

EM ZIG-ZAG

POR falta de espaço, deixamos para o próximo número alguns artigos entregues nesta redacção. Pelo mesmo motivo somos obrigados a deixar sem referência especial, no presente número, um acontecimento que nos merece uma particular atenção:—e ressurgimento do ORFEÃO ACADEMICO DO PORTO, que agora se nos apresenta plétorico de condições para novos triunfos.

◇ ◇ ◇

FOI pêna que o *Pôrto Académico* estivesse com a sua publicação interrompida no fim do ano lectivo que passou, porque era então ocasião oportuna para aqui se publicar uma história trágico-picaresca, inverosímil mas autêntica:—a célebre história dum assistente de Mecânica Racional, sèriamente embaraçado com um obtuso caso de consciência... não muito límpida. Nesta altura, ainda valeria a pena a sua publicação, para que todos pudessem verificar como certas coisas, que podem parecer fantásticas, tiveram logar na nossa faculdade de sciências. Mas torna-se-nos agora mais trabalhoso coligir todos os depoimentos acêrca dos por vezes movimentadissimos incidentes que constituem a tal história trágico-picaresca, inacreditável mas contudo verídica.

Por outro lado, qualquer lapso de memória poderia dar logar a que, *não faltando à essência da verdade*, fôssemos todavia menos rigorosamente exactos na maneira de a exprimir. E como não queremos sujeitar-nos a tal coisa, apenas deixamos aqui afirmado que aquilo que a esse respeito se passou, quer durante o ano, quer—e sobretudo—na ocasião das classificações, é motivo mais do que suficiente para deixar absolutamente desclassificado o assistente que assim procedeu e que para mal de nós todos, queremos dizer: para mal dos que hão de vir, ainda é capaz de chegar a lente. Nessa altura, será mais um a *gramar*, perdoe-se-nos a expressão.

E se há alguem que duvide daquilo que aqui afirmamos ou mesmo que tenha interêsse em desmentir-nos, não tem mais do que inquirir entre *todos* os alunos que constituiram o curso de Mecânica Racional no ano lectivo de 1926-27, na Universidade do Porto.

◇ ◇ ◇

CONSTITUIU uma bela nota de elegância a festa que os alunos do Instituto Superior de Comércio realizaram, em honra dos novos alunos.

◇ ◇ ◇

COMO o *Pôrto Académico* se não publica em férias, o próximo número dêste jornal aparecerá em janeiro.

Dr. Bernardino da Silva
Clínica Geral

TRATAMENTO ESPECIAL
DAS DOENÇAS DE PELE

Rua 31 de Janeiro — 100-2.º
Consulta das 4 às 6

O ORGÃO DA A. A. DO PORTO PASSA A SEMANARIO

E' sobejamente reconhecido por todos que o PORTO ACADEMICO não tem correspondido ultimamente à sua finalidade; mas certamente nem todos podem compreender quais as causas de vária ordem que a tal estado de coisas conduziram êste jornal.

Só quem já passou por êste logar, é que conhece as enormes dificuldades que se encontram no caminho para manter uma publicação dêste género. E de todas estas dificuldades, para o caso especial do P. A., destacaremos duas delas porque, resolvidas que fôssem, ficaria então êste jornal em condições de bem desempenhar a sua função, que não é de modo nenhum uma função inútil. São essas duas dificuldades essenciais: a falta de dinheiro e a falta de colaboração.

A primeira destas duas *fomes* deve-se, quasi que exclusivamente, à impossibilidade que tem havido de se fazer uma cobrança regular.

A segunda deve andar um pouco ligada à dificuldade financeira e, também, à falta de continuidade na gerência do P. A.

Na verdade, da conjugação dêstes dois factores resulta uma grande irregularidade na saída do nosso jornal, de tal modo que a sua existência em breve cai no esquecimento, até mesmo daqueles que de bom grado aqui colaborariam expontâneamente.

Ora, não é sem pertinência que contamos aos nossos leitores as aflições que vão cá por casa; vem tudo isto para justificar, não só a irregularidade na publicação do nosso jornal, nos últimos anos, mas também uma modificação nêle introduzida desde o presente número, que já ressaltou desagradàvelmente aos olhos de quem nos lê:—a redução no número das suas páginas.

Por outro lado, reconheceu a Direcção da A. A. P. a necessidade de que o seu orgão oficial cuidasse mais eficientemente de servir a sua politica que é, por coincidência, a politica de todos os estudantes, dedicando uma atenção especial a certos assuntos de actualidade ligados á defesa dos interesses académicos.

E êste programa de acção requere, como uma das condições essenciais para poder ser exercido, que êste jornal não só tome uma feição mais acentuadamente jornalistica, mas ainda que passe a publicar-se mais do que duas vezes por mês, como acontecia até agora ou pelo menos se afirmava...

E' isso que vamos tentar desde o presente número, sabendo muito bem a série de contrariedades que esta tentativa nos vai trazer.

Todos os nossos esforços tenderão a fazer com que o P. A. se torne semanário; mas para a perfeita *réussite* que nós todos desejamos a êste respeito, não basta a simples boa-vontade daquêles que aqui trabalham, sendo preciso que a essa boa-vontade se venha juntar a daquêles estudantes que ainda se interessam um bocado por estas coisas, procurando colaborar comnosco e evitando-nos as dificuldades com até que aqui tem lutado êste jornal.

Eis um apelo que fazemos. Da maneira como a êle corresponderem aquêles a quem nos dirigimos, dependerá, em grande parte, a vida futura dêste jornal.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

THE
RILEY INSTITUTE
OF LANGUAGES AND COMMERCE

INSTITUTO ESPECIALIZADO NO ENSINO PRÁTICO DE LÍNGUAS E COMÉRCIO. PROFESSORES NACIONAIS E ESTRANGEIROS.

DIRECTOR: EDMOND E. RILEY
RUA DA BANDEIRINHA (Largo do Viriato) — PORTO

Programa Geral e Regulamento dos campeouatos desportivos a realizar pela A. A. P.

1.º—A Associação Academica propõe-se levar a efeito os seguintes campeonatos: Natação, Sports Atleticos, Foot-Ball, Tennis, Rêmo, Tiro ao Vôo, Tiro de Guerra, Rugby, Bilhar, Ping-Pong etc.

2.º—Os dias para a realização destes diferentes campeonatos serão marcados na sua devida altura pela Direcção desta Associação.

3.º—A Direcção indicará não só os dias para as referidas provas, como ainda os lugares onde elas deverão ser realizadas.

4.º—Só poderão concorrer ás provas desta Associação, os sócios estudantes das escolas previstas no art.º 6.º dos estatutos.

5.º—A Direcção propõe-se condecorar com medalhas e prémios artísticos os dois primeiros concorrentes classificados em cada prova, assim como colocar na sua sede, um quadro, aonde figurarão os retratos dos primeiros classificados ou campeões; sob cada retrato, será indicado o resultado obtido pelo respectivo campeão.

Obs.—Nas provas em que houver mais de seis concorrentes, a Direcção conferirá medalhas até ao terceiro classificado.

6.º—A Direcção da Associação Académica, tentará angariar prémios artísticos, para melhor premiar os vencedores.

Para isso abrirá subscrições e procurará obter o auxilio não só de estudantes, como ainda dos corpos docentes, das escolas associadas, Camara Municipal, clubs sportivos, casas comerciais e industriais Associações etc. etc.

7.º—A Direcção da A. Académica, exporá ao público, em vitrines de casas comerciais, as medalhas e os prémios artisticos destinados ás provas desportivas académicas, na ocasião que julgar necessária.

8.º—Indicará quais os lugares em que os estudantes se poderão treinar para os campeonatos assim como os dias e horas a que o poderão fazer.

9.º—Para isto procurará obter junto dos Clubs sportivos o auxilio e bôa vontade em cederem o material indispensável para algumas das diferentes provas.

10.º—Procurará realizar algumas provas em recinto fechado, convidando representantes das diferentes faculdades e escolas, governo civil, etc. etc., a fim de dar ás festas maior brilho e assim poder, com a afluencia do público, obter numerário para as despezas da sua acção.

11.º—Procurará arranjar os recintos para a realização das festas, de graça, bem como bandas regimentais para tocar nas mesmas.

12.º—Os bilhetes de ingresso para estas festas deverão tender para um preço convidativo.

13.º—Os sócios da Associação que apresentem o seu cartão de identidade com as cotas em dia, terão entrada gratis nos certamens a realizar.

14.º—Os concorrentes alguns dias antes das provas, deverão ser inspeccionados por um médico, a fim de este autorizar ou não a sua entrada na prova.

15.º—A Associação Académica afixará um programa sportivo desenvolvido em todas as escolas cujos alunos sejam sócios da mesma.

Raul C. Vieira Coelho.

Jùlio M. Vieira Coelho.

INTERESSES ACADEMICOS

EM DEFEZA DE REGALIAS QUE COM MUITO SACRIFICIO CONQUISTAMOS

RECORDA-SE A GREVE ACADEMICA

Passa em Janeiro o segundo aniversario e não se apagará jamais da memoria da nossa geração academica o que aquilo foi. As Academias do Porto e Coimbra, num movimento nobre de solidariedade e defeza, fizeram ouvir os seus protestos veementes, mas plenissimos de razão e ansiosos de justiça. Os cursos superiores, com taboletas berrantes e mentirosas finalidades de vida, estavam infelizmente esquecidos e, mais do que isso, postos quási de parte não lhes sendo conferidas as regalias e sendo-lhes usurpados os direitos por uma malta esfaimada de ineptos e audaciosos incompetentes.

Iniciou-se então aquele movimento formidavel de protesto, tendente a pôr um ponto final no regimen de arbitrariedade que então reinava e a estabelecer limites e barreiras aos assaltos dos barbaros pseudo-scientificos.

Nobreza de sentimentos e coesão de pontos de vista eis as caracteristicas que honraram então as Academias.

Não se demoveram as entidades que superintendiam em questões de ensino perante rogos ou pedidos das Comissões do Porto e Coimbra, porque a horda dos afilhados e dos superiores os manietava. Pesava mais um voto na balança da Consciencia de então do que a Justiça das reclamações Academicas.

Foi necessario o abandono das aulas, quasi a perda de um ano de trabalhos escolares para que em Maio — em Maio desse ano, só! — viesse á luz nos periodicos governamentais a regulamentação do professorado e do direito ao titulo de engenheiro.

Houve então profundissima modificação—não tanto como se queria — nas garantias finais dos Cursos.

Mas, era necessario que assim fosse porque a legislação existente, não satisfazia de modo nenhum ás superiores normas de justiça.

OUTRA VEZ LESADOS

Recordamos tudo isto a propósito duma pretenção dos professores contratados das Escolas Técnicas. Porém, antes de entrar próprianente no assunto, queremos tambem referir-nos a um facto que bem mostra como precisamos de estar constantemente alerta, na defêsa dos nossos interesses.

Com a solução da gréve académica, a admissão ao concurso para o logar de professores provisórios nos liceus, ficaria sendo regulada com plena satisfação dada às reclamações que então formulamos.

Muito bem. Ao abrigo duma justa regalia assim conquistada, alguns alunos dos ultimos anos de certos bacharelatos, quere dizer, que estão prestes a dedicarem-se ao magistério, apresentaram os seus documentos a concurso, muitos dêles com a quasi que certeza de que ficariam colocados. Mas acontece inesperadamente esta coisa formidavel: faltavam quatro dias para terminar o praso do concurso havia quasi um mês iniciado, e o «Diario do Governo» sai-se com um decreto alterando as suas bases, em nome de não sabemos que critério, para não dizermos interesses, de tal forma que nenhum dos candidatos a que nos referimos podia sequer ser admitido ao concurso. Tinhamos sido mais uma vez comidos...

E lamentamos tanto mais êste facto, quanto é certo que quem o assinava era nem mais nem menos do que o reitor da Universidade do Porto!

Mas vamos ao que por agora nos importa.

A PROPOSITO DE UMA PRETENÇÃO

O Decreto 12.567 regulando o recrutamento do professorado para as Escolas Tecnicas Comerciais e Industriais, obedecendo a intuitos e pontos de vista a que a justiça não pode ser alheia, estabeleceu 4 categorias de professores: efectivos, agregados, provisorios e contratados. Consta-nos porem que estes ultimos fizeram uma representação junto do Govêrno afim de conseguirem concessões que vão, até certo ponto, brigar com os interesses dos professores provisorios. Seja-nos permitido fazer uma análise serena e imparcial a essas pretensões, pois que o «Porto Academico» põe sempre todo o seu interesse e boa vontade na defesa legitima dos legitimos interesses da classe Academica de que é orgão, e em que há elementos atingidos.

As circunstancias excepcionais em que os professores contratados dão ingresso nos corpos docentes das E. T. C. I. são já de molde a merecer-nos reparos justissimos porque, segundo o art. 60.º do «Diario do Governo» 242 de 29 de Outubro de 1926, as nomeações dos professores contratados serão feitas pelo Govêrno sob proposta devidamente fundamentada do Conselho Escolar. Não indica a lei quais as caracteristicas especiais que deve revestir esse contracto, pois que ninguem pode garantir a infalibilidade da proposta sob o ponto de vista de competencia e acerto de escolha.

Os Conselhos Escolares podem pois «ad libitum» mas *sempre com fundamento* propôr um contratado. Ora o que se pretende em materia de ensino, não é a captação de um professor, mas sim escolher, entre os professores de determinada especialidade, aquele que possa mais capazmente desempenhar a espinhosa e nobre missão a que se propõe. Nada nos garante que os Conselhos Escolares tenham procedido assim.

Uma nomeação pode sempre merecer reparos ao passo que a aquisição de um lugar por concurso, nunca.

Cita mais o referido decreto no art. 24.º que só poderão ser contratados professores para as diversas disciplinas quando não houver professores efectivos, agregados ou provisorios, devidamente habilitados.

Este artigo que vem, dentro de certos limites, definir a posição dos professores contratados é, segundo cremos, a melhor resposta ás representações enviadas a Lisboa e nas quais os professores contratados exprimem os seus desejos de poderem ingressar no quadro dos professores agregados colocando-se assim em igualdade de circunstancias com os professores provisorios com um certo numero de anos de serviço.

Não especificando a lei a concessão de semelhante regalia, cremos bem que as entidades superiores a cargo de quem está a resolução de tais problemas, não irão sancionar tal pretensão.

Merecem-nos muito respeito as reclamações feitas por quem quer que seja desde que não vão colidir com regalias usufruidas por terceiros. Merece-nos imensa consideração a digna classe dos professores contratados, porque sabemos muito bem, que ha entre eles elementos valiosos. Mas tambem nos merece muita e muita atenção um decreto que á custa de muito sacrificio conseguimos arrancar para justa satisfação dos diplomados por cursos superiores.

São do nosso parecer tambem os professores provisorios do Porto que enviaram a Lisboa ao Ex.mo Ministro do Comercio a sua opinião a respeito de tão momentoso assunto e esperamos que S. Ex.ª saberá fazer justiça como convem. —R.

◇ ◇ ◇

Uma pregunta inocente

Há na Faculdade de Engenharia um aluno que veio transferido do Instituto Superior Tecnico de Lisboa.

Se nos fosse permitido, preguntariamos ao Dignissimo Conselho daquela Faculdade se, em igualdade de circunstancias, um aluno da Faculdade de Engenharia poderia ingressar no Instituto Superior Tecnico.

Dignar-se-hão S. Ex.as responder a esta inocente pregunta?

MAGAZINE BERTRAND

A REVISTA DAS FAMILIAS

LIVRARIA CHARDRON

DE

Lelo & Irmão, Limitada

Premiada nas Exposições de Paris de 1878, 1889 e 1900, com 3 grandes premios nas Exposições do Rio de Janeiro de 1908 e 1923, e com o Grande Diploma de Honra da Imprensa em Lisboa

Sortido de livros em todos os géneros. Encarregam-se de efectuar assinaturas para jornais e publicações portuguesas e estrangeiras. Remessas com brevidade para qualquer ponto do país e do estrangeiro. Vantajosos descontos para revender.—Teem correspondencia regular com os principais centros da França, Brasil, Espanha, Inglaterra, Alemanha e Italia

RUA DAS CARMELITAS, 144---PORTO

Endereço teleg. JOLELO—PORTO Telef. 1037

Dr. Jaime de Magalhães

DOENÇAS DE GARGANTA
NARIZ OUVIDOS E BOCA

Rua Santa Catarina — 108-1.º
Consulta das 9 ás 12

Dr. Cristiano de Moraes
Director da Maternidade do Porto

DOENÇAS DAS SENHORAS
:-: PARTOS E SÍFILIS :-:

Rua 31 de Janeiro — 115-1.º
Consulta das 4 às 6

EMPRESA
DIARIO DO PORTO, L.DA
R. S. BENTO DA VITORIA, 10

EXECUTA TODOS OS TRABALHOS GRÁFICOS COM RAPIDEZ E PERFEIÇÃO